

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA -  
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

**A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:  
ANOTAÇÕES SOBRE QUESTÕES POLÍTICO-IDEOLÓGICAS E SUA  
INFLUÊNCIA SOBRE O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA**

**Marco Aurélio Da Ros**

## **1 INTRODUÇÃO**

Apresentamos aqui breves reflexões sobre algumas questões político-ideológicas que fundamentam a organização da sociedade contemporânea e, sobretudo, como esta organização influencia a sociedade brasileira. Acreditamos que esta leitura possa contribuir para você refletir como se articulam diretamente a organização da sociedade e a determinação social das doenças, como vimos na unidade 1, Modelos conceituais em saúde.

Só reafirmando! Os temas de organização da sociedade aqui exibidos podem ser aprofundados em múltiplas bibliografias e o que estamos fazendo é resumindo (muito) algo que tem uma imensa complexidade, mas que é ferramenta fundamental para exercer melhor nossa prática de tecnologia-leve: entender em que sociedade vivemos e como se organiza o sistema sanitário e como fazer uma boa prática de saúde, humanizada e resolutiva.

Os 34 assuntos listados são temas recorrentes nos jornais, imprensa ou mesmo entre amigos, nas conversas. Mas, eventualmente, eles têm sua essência escondida. Discutimos o aparente, e o que o poder hegemônico acha que devemos pensar. Nossa proposta é fazer alguns contrapontos para tentar sermos mais críticos e reflexivos em relação ao que nos mostram.

Boa leitura!

## 2 ORGANIZAÇÃO DOS MODOS DE PRODUÇÃO NO MUNDO

Uma forma de entender a história da humanidade é compreender como se estruturou a produção econômica. Nela é que se modificam padrões culturais, sociais, artísticos, técnicos, sanitários, etc..., todos mediados pelas relações sociais determinadas em última instância, pela economia.

Então... A primeira forma de organização de produção - temos poucos relatos escritos sobre ela-, nós chamamos de modo de produção (MP) **comunal-primitiva**. Tribos nômades, coleta de frutos, caça e pesca, organização coletiva dos bens (comida, roupas, moradia), divisão de funções e, não havendo uma classe privilegiada. Talvez o chefe, mas que precisava sempre demonstrar (normalmente, pelo uso da força ou de astúcia) que merecia ser o chefe. O que se imagina na evolução histórica da humanidade é que os territórios abundantes começaram a escassear. Na região da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, existiam sinais das primeiras edificações fixas (cidades?) erguidas pelo homem. Nestes locais (hoje sendo destruídas por guerras insanas), há milhares de anos havia animais/caça de pequeno porte, abundante e pouco agressiva (cabras, ovelhas, vacas...), que se alimentavam de pasto e trigo.

Acredita-se que, dadas a facilidade e a abundância de caça e pesca os humanos que iniciavam sua fixação ali tinham aprendido que os grãos de trigo que caíam no chão transformavam-se em pés de trigo no outro ano, e com isso a caça (e também eles) poderiam se alimentar. A agricultura nasceu desse conhecimento da sociedade.

Pois bem, agora se tratava de produzir formas de armazenamento para os períodos sem trigo, e isso fez com que se criassem dispensas/reservatórios de pedra para guardar grandes quantidades de grãos. Com isso veio a fixação. Não tinha como se deslocar, pois, com aquela quantidade para se mudar de local, era difícil. Surgem as cidades (aldeias). Com elas se inicia a organização de produção. Outros nômades de passagem (mais fracos ou mais fortes) queriam também dispor de grãos. Mas a tribo inicial tinha uma produção privada e lutava para defender sua propriedade. Logo, a propriedade privada dos meios de produção é a primeira causa de guerra entre os homens. Se os visitantes eram mais fortes, tomavam a comida, ou se mais fracos, eram derrotados.

Aos derrotados, a morte ou a escravidão. Aí seriam estes escravos que plantariam, cuidariam dos animais domésticos. Sem qualquer direito. Esta segunda forma de organização da sociedade, conhecida como **escravagismo**, tem como característica uma classe social, a dos senhores de escravos. A outra classe, os escravos, são considerados instrumentos para a produção. Não são vistos como gente. São ferramentas. Se quebrar, substitui.

Imagina-se que a primeira etapa - a comunal-primitiva, tenha sido a principal forma de produção por uns 20 mil anos. E que as primeiras relações escravagistas tenham iniciado por volta de 6 a 8 mil anos atrás. Não existe um momento em que se dê a passagem de um modo de produção para outro. É um **processo** de esgotamento da forma antiga de organização. A nova começa a se organizar até que se torne hegemônica. Neste processo de transformação, há um período de crise/caos no qual a forma antiga não dá mais conta de resolver, e a nova ainda não se consolidou. Isto pode durar muitos anos. Quando a nova conquista sua hegemonia, resquícios da forma antiga podem permanecer, mas produzindo para o novo modo de produção.

O modo de produção escravagista é então dominante e criam-se grandes exércitos/civilizações cuja economia baseava-se no escravagismo. Dois exemplos históricos importantes são Roma e Grécia. **Roma** escraviza parte da humanidade conhecida durante centenas de anos. Algumas relações com populações produtoras de ferramentas e tribos agrícolas são preservadas, porém o domínio pela força era a característica maior. Não pretendo aqui um aprofundamento nestas duas civilizações, mas levantar duas questões para reflexão. Uma em relação à **Grécia**, tida como o berço da democracia, onde o senado discutia as questões de gestão do reino, e até hoje alguns conservadores brasileiros consideram um exemplo. Pois bem, se o modo de produção era escravagista, quantos escravos existiriam para cada senhor de escravos? Jovens poderiam ser senadores? Mulheres poderiam? Então digamos, se a primeira resposta é 4 por 1. Temos 75% da população alijada. Dos 25 %, mais da metade eram jovens. Logo sobraram 10 % de adultos. E se considerarmos que 50% ou mais (uma vez que eram os homens que iam para a guerra) eram mulheres..., sobravam 5%. E destes 5%, só poderia se candidatar ao senado quem preenchesse algumas condições materiais. Ou seja: Que democracia tão democrática, hein?...

A segunda questão para refletir é como foi se dando o esgotamento do Império Romano. Pelos enfrentamentos, pela necessidade de um exército cada vez maior, pela escassez de meios para manter o Império e os senhores de escravos. Simbolicamente,, um livro antigo/transformado em filme – Spartacus - mostra essa decadência do modo de produção antigo e a ascensão do novo, com a revolta de escravos, que, já escassos (o Império não tinha onde buscar novos), passavam a obter alimentação, direitos e consciência e, com isso, o status de revolucionários, matavam os opressores e partiam para criar o novo modo de produção, o **feudalismo**. É só figurativo, mas demonstra que o esgotamento permite que nasça o novo que já estava sendo gestado. Na verdade, é um processo. A revolução é só um ponto de um longo processo de transformação.

Nesta nova organização, os proprietários de terra (os senhores feudais) recebem a produção dos camponeses (em percentuais variados) e ficam com uma parte da mesma. Por outro lado, em situações de disputa, os camponeses são chamados a pegar em armas para proteger o dono do feudo. O processo do término do escravagismo para a dominância do feudalismo se dá no início da chamada era cristã, é dominante entre os anos de 1000 e 1500. E, por volta desses anos, começa a dar sinais de exaustão. As necessidades dos senhores feudais são cada vez maiores para atender aos luxos da corte e expansão de fronteiras para o **colonialismo**, e as guerras entre reinos.

Os camponeses, cada vez com menor possibilidade, pagando dízimos cada vez maiores passam a debandar para os núcleos de artesãos que vendiam manufaturas para os senhores feudais. Estes núcleos, com suas corporações de ofício (defesa de sua "profissão") e as escolas de aprendizes começam a se hipertrofiar e conquistar graus crescentes de independência/importância. Eram chamados de **burgos** e começam a desenvolver tecnologias para aumentar a possibilidade de expansão dos seus negócios (**acumulação capitalista**).

Financiavam, desde alguns anos, os sonhos de expansão dos senhores feudais, obtendo, dessa forma, como contrapartida, recursos cada vez maiores para se insurgirem contra os próprios senhores feudais. Contestam taxas de impostos que têm que pagar aos nobres e justificam dessa forma os baixos salários a seus assalariados nos burgos. Acabam sublevando massas de miseráveis que vinham das

terras e moravam em periferias dos burgos, (na tentativa de poderem vender sua força de trabalho) para atacarem os senhores feudais.

**SAIBA MAIS:**

Sobre este tema, você pode ver o filme ou ler o livro **Os Miseráveis**. Outra recomendação é fazer uma resenha do filme **Maria Antonieta**.

Portanto, a fase de miserabilidade e exaustão da forma de produção já estava ocorrendo desde os anos 1500 e na época das "descobertas" o dinheiro obtido com as novas terras vai parar nas mãos dos credores, que, por terem que deixar parte dele para o feudalismo, apontam para uma reorganização da economia. Em alguns países, essa transição se dá com acordos, como na Inglaterra. Em outros, os reinos e burgos, isolados, vão ser unificados e, desta maneira, caracterizam um país, já dominado pelo capitalismo, e em outros é preciso um processo revolucionário para acabar com o caos do fim do feudalismo, como no caso da França. Com a ascensão da **burguesia**, as classes fundamentais dessa nova organização passam a ser os proprietários dos meios de produção (**os burgueses**) e os que vendem a sua força de trabalho (**os proletários**). Junto a esses, há os candidatos a venderem - o chamado exército industrial de reserva-, com dupla função, garantir o rebaixamento dos salários dos trabalhadores da ativa (eles concordam em vender-se por menos) e para permitir a expansão do capital com novas indústrias. Há ainda, segundo Marx (2008), uma outra categoria que ele chama de lumpem-proletariado, que são as pessoas que não chegarão nunca a vender a sua força de trabalho. Os incapazes, desvalidos, doentes, que são apenas um peso para os impostos do capital e para o estado, este último defensor dos interesses da elite justamente com o **capitalismo**. O chamado Estado moderno. Essa superexploração da força de trabalho e a urbanização necessária para os interesses capitalistas criam novas necessidades, e geram, por outro lado, todo um perfil de doenças. **Doenças do capitalismo**.

Debatendo a história dos modos de produção, Marx analisa o nascimento de cada um deles, sua hegemonia, seu período de crise e o aparecimento do novo. Prenunciava com suas análises o fim do capitalismo e o surgimento de uma nova organização em que não teríamos mais classes sociais (opressores x oprimidos) e

que isso se daria a partir de onde as forças produtivas estivessem mais desenvolvidas e organizadas, e ocorreriam por "efeito cascata" em toda a humanidade. Chamava essa etapa de **socialismo**, na qual se gestaria uma nova consciência a evoluir para uma nova etapa de abundância para toda a humanidade, o chamado **comunismo**.

Algumas tentativas de por um fim ao capitalismo aconteceram no século XIX na Europa (as tais 39 revoluções, lembram? Quando discutíamos o item Maneiras de ver) e no século XX, em 1917, na Rússia, em 1949, na China, em 1959, em Cuba e depois ainda, em vários países da África e Ásia.

No **Brasil**, historicamente subordinado aos modos de produção hegemônicos no mundo, vivemos as vantagens e as dores do **Capitalismo dependente**. Mas preservamos ainda resquícios de todos os modos de produção anteriores. Temos tribos não contatadas pelos brancos ainda como comunais-primitivos. Em fazendas, especialmente no norte do país, ainda há regime escravo. No interior do sul do país, ainda se planta à meia, ou à terça para o dono da terra, lembrando o feudalismo. Contudo, todos esses modos de produção residuais estão a serviço do capitalismo neoliberal implantado no mundo e também aqui.

Esta crise que estamos vivendo 2008-2009 é a crise final do capitalismo? Impossível prever, mas o discurso neoliberal de querer um estado fraco, de auto-regulação, de ser contra as estatizações, este parece que sim, caducou.

### 3 A CULTURA BRASILEIRA

Se entendermos como cultura toda nossa bagagem de vida, nossos costumes, hábitos, artes, comidas, que são carregados por gerações, e não pelo acesso ao ensino formal, vamos perceber que somos um país com **múltiplas culturas**. Elas são derivadas, em primeiro lugar, de nossa história, como fomos construindo um jeito próprio dentro de uma proposta mundial dos modos de produção. Temos uma miscigenação importante, mas nossas bases são:

- a) a cultura **indígena**: o banho diário, que faz parte da nossa cultura, é herança deles, só para darmos um exemplo, artesanato, frutas, linguagem...;
- b) a cultura **negra**: ritmo, resiliência, alimentação, linguagem...;

- c) a cultura **européia**: no início, portuguesa, um tanto espanhola no sul, italiana e alemã depois. Poloneses, já no início do século XX, comidas e música, cuidados e gesticulação. Linguagem também;
- d) A cultura **asiática**: imigração japonesa, árabes. Novos hábitos, trabalho, comidas, etc...;
- e) E muitos **outros**...

#### **REFLEXÃO:**

Você já pensou sobre quais as culturas que são importantes em seu lugar de trabalho?

Em alguns locais do Brasil, há predominância de um traço mais marcante. Mas o **Brasil é síntese**. E todas essas etnias com sua bagagem cultural, criaram um estereótipo de quem é o brasileiro, que durou, pelo menos, dos anos 1930 até os 1990. País do futebol, do carnaval, do samba, das grandes florestas, ingênuo, amistoso, pacífico, de dar um jeitinho, de saber fazer de tudo, criativo, colorido, ensolarado, mulheres bonitas, praias, culinária inigualável, musicalidade sem comparação.

Quem que era assim? Pontualmente, algumas coisas talvez até continuem, mas... Hoje trabalhamos muito, temos poucas políticas sociais, nossa cidadania é cerceada. Os movimentos sociais limitados, agora, possivelmente, serão criminalizados. Vários de nossos políticos estão envolvidos com corrupção. Nosso Poder Judiciário favorece o criminoso de colarinho branco. Há violência e intolerância assustadoras. Nossa imprensa é francamente contra os trabalhadores.

A nossa classe média, formadora de opinião, na qual nós nos inserimos foi se descaracterizando e, hoje, quase não tem utopias sociais.

Nosso povo foi se deprimindo, individualizou-se, seus valores foram se modificando. Atualmente, é um dos povos mais violentos do mundo, se mata por banalidades, a solidariedade ainda persiste entre os pobres, mas na classe média é o "Eu primeiro". Temos algumas lutas, mas que não colocam o povo na rua: pela paz, pela ecologia, pela liberdade sexual. Mas em quase todos há um traço típico herdado do poder. Somos a elite. Somos os que estudamos e... "quem sabe, manda;

quem não sabe, obedece”. Aumentamos as horas de trabalho, queremos ganhar muito mais (mesmo que não saibamos bem para que) e a realidade nos frustra. O shopping nos motiva, a troca frequente de automóvel nos fascina. Mas cada vez mais exigimos menos de cidadania. Corrupção e venalidade parecem ser cada vez mais normais e já não nos indignam.

Nossos valores humanos, imenso patrimônio brasileiro, estão copiando o que há de mais nefasto como subproduto do capitalismo. O desrespeito ao outro, a apropriação indevida, a ostentação, o poder autoritário do saber, o não direito social, a não convivência em grupos (onde nos socializamos). A escola não é mais para aprender ou aprender a conviver. É um rito de passagem para um mercado competitivo onde só os mais fortes sobreviverão.

#### **REFLEXÃO:**

Quais valores tínhamos, perdemos e quais você acha possível resgatar?

Qual lazer coletivo existe na nossa comunidade?

Quais traços culturais são predominantes nela?

Que sociedade, espaços coletivos estão organizados em sua comunidade para que as pessoas possam aprender valores como o respeito ao outro, solidariedade, pensar no coletivo?

Pessoal! Nós discutiremos isso ao longo de todo o curso, mas ser críticos, resgatar a cidadania, os valores coletivos, os projetos solidários, construir um futuro inclusivo são políticas que os profissionais da Saúde da Família precisam entender, participar e fomentar. Isto é tarefa. E, ademais, é promoção da saúde. Todos viveremos mais e melhor se assim o fizermos.

Claro que poderíamos discutir outras coisas neste item: nossos artistas plásticos, arquitetos, nossos músicos ou atores de novela. Nossas tradições ainda preservadas. Os quilombolas, nossa cultura indígena, as grandes festas populares. Mas queremos aprimorar a crítica, a reflexão. Temos sim, ainda, coisas maravilhosas, mas precisamos acordar para não perdê-las e resgatar as que ainda forem possíveis.



## 5 A POLÍTICA BRASILEIRA: OS PARTIDOS POLÍTICOS

Em cada ponto dos itens listados, há muito o que dizer e muitas informações para refletir. Repetimos... O que queremos é fornecer subsídios para fomentar uma visão crítica, outra maneira de ver, compatível com uma aliança entre trabalhadores de saúde e o povo que ele atende.

Para tanto, estamos querendo aumentar a reflexividade, a criticidade. E assim, estabelecer pontes entre a estrutura/conjuntura com as variáveis que envolvem o processo saúde-doença determinadas pelo modo de produção e suas conseqüentes formações sociais.

Estamos tentando também quebrar um pré-julgamento que nossas faculdades nos ensinaram: de que se a pessoa adocece, a culpa é dela. Portanto, além de doente ainda tem que carregar a culpa. Pois isso, organização de sociedade é o tema a estudar.

Sobre a história dos partidos ou o que eles representam, já existem alguns livros (e grossos) para tentar decifrar.

Acredito que existem **3 momentos** mais contemporâneos que são importantes de se pensar, **antes do Golpe Militar, durante e depois de 1964**. Grosso modo, podemos dizer que, antes do Golpe Militar, tínhamos 3 partidos fortes no país com condições de assumir o Estado. A União Democrática Nacional - UDN ligada à elite agrária, anti-getulista e de classe média urbana, o Partido Social Democrata-PSD ligado ao capital industrial e o nascido Partido Trabalhista Brasileiro-PTB de Getúlio Vargas, reformista e da classe trabalhadora. Havia ainda partidos pequenos e uma esquerda clandestina, ligada ao Partido Comunista Brasileiro-PCB, e muitos partidos com forte base, mas, limitado a alguns estados. Com o Golpe Militar, a ditadura permite o funcionamento de somente 2 partidos - a ARENA, partido que apoiava todas as ações da ditadura, e o MDB, partido de oposição (desde que não seja muito- porque deputados que falam contra a ditadura perdem seus direitos políticos). Os partidos de esquerda, ou mesmo social-democratas, são jogados na clandestinidade e alguns se aproximam do MDB mais progressista (o chamado MDB autêntico).

É somente no final da ditadura, no início da década de 80, que realmente vamos começar a respirar liberdade partidária. Por outro lado, hoje, há uma profusão

de partidos sem muitos motivos que justifiquem sua existência (23). Há 3 com nomes de cristão, 4 com o nomes de socialistas (mas aí vai do PPS, oposição social-democrata, ao PT, até o PSTU e PSOL oposição pela esquerda do PT). Enfim 2 comunistas. E vários comprometidos com propostas de liberalismo econômico (PTB, PP, PR, DEM). Há os que se assumem social-democratas como o PSDB, PT. Temos ainda o PV- ecologista, o PDT- trabalhista-nacionalista, o PMDB partido de maior bancada, herdeiro do antigo MDB, com uma identidade de longo espectro: de nacionalistas de esquerda a liberais aliados do conservadorismo mais a direita deste país.

Portanto:

- a) esquerda- oposição ao atual governo: PSTU, PCB, PSOL;
- b) esquerda aliada com o governo: PT, PSB, PC do B;
- c) centro- esquerda aliado com o governo: PDT;
- d) liberais aliados ao governo: PP, PTB, PR;
- e) centro- oposição: PV, PPS;
- f) direita- liberais oposição: PSDB, DEM.

Por outro lado, para governar um estado capitalista, é preciso fazer alianças e elas se dão de forma desconexa em relação aos programas partidários ou a ideologia. Em função de acordos para obter um número expressivo de votos no Legislativo, o Executivo cede cargos, abre mão de princípios e favorece, de alguma forma, a venalidade. Nossa população, que estava aprendendo a reconhecer partidos, acredita, hoje, que todos são quase iguais, e optam por votar nas pessoas. Isso, seguramente, não fortalece os partidos, que acabam por perder sua identidade. É um diálogo em que o fim é o descrédito na política. A mídia se encarrega de mostrar que política é coisa suja, que só ricos ou corruptos podem ser candidatos e isso interessa muito para manter uma hegemonia capitalista, visto que as políticas sociais dependem de POLÍTICA para resolver a situação dos 150 milhões de brasileiros sem plano de saúde. É, então, fundamental que a política volte a ser uma proposta séria.

## 5 A LÓGICA DA SAÚDE: ALGUMAS REFLEXÕES

Veremos isto com mais detalhes na Unidade 3 – As políticas de saúde no Brasil. Mas algumas questões para reflexão podem ser levantadas neste contexto de organização da sociedade.

Alguns dados:

- a) 376.000 leitos (+/- 75%) são hospitais próprios ou conveniados com o SUS;
- b) 42.000 centros de saúde/ ou UBS do SUS (90% do total);
- c) 30.000 equipes de saúde da família;
- d) 16.000 equipes de saúde bucal;
- e) Usuários de planos privados- 38 milhões (20% da população brasileira) 7,5 % da população do norte; 2,2% da população do sudeste; 12% da população do centro- oeste; 18% da população do sul; 9% da população do nordeste.

Alguns gastos de saúde em 2005:

- a) 345 dólares/ano (ou 863 reais);
- b) Público: 72 bilhões de reais;
- c) Privado: 85 bilhões;
- d) 20 bilhões com medicamentos.

Outros dados do SUS (2005):

- a) 12 milhões de interações;
- b) 2,5 milhões de diárias de UTI;
- c) 23.400 transplantes;
- d) 83.000 cirurgias cardíacas;
- e) 2,5 milhões de partos;
- f) 900 milhões procedimentos ambulatoriais (150 milhões de consultas ESF);
- g) 300 milhões de exames laboratoriais (2,0 por paciente);
- h) SAMU- 1200 ambulâncias.

O SUS é hoje o maior sistema público de saúde do mundo. O salário da ESF não é “aquela maravilha”, mas permite uma sobrevivência digna. São necessárias luta e pressão para que se tenha plano de carreira no SUS. No caso do médico, se

considerarmos um plano privado (e são muitos) que pague 35,00 reais por consulta e não pague reconsultas (e são quase todos). E considerando que a média é de 2 a 3 exames por consulta. Vamos marcar quase que necessariamente reconsultas. Logo, com 100 consultas se recebe 3500,00, o problema é que gera mais 100 consultas que não se recebe. Quanto se gasta para a manutenção de um consultório privado? (aluguel, auxiliar, telefone, faxineira, condomínio, luz, água, secretária, papéis). Digamos R\$ 3.500,00? Ou seja, as primeiras 200 consultas são para o investimento. Não está incluído aí o décimo terceiro e as férias (que não se ganha); nem o desconto de Imposto de Renda e Previdência Social. E muito menos a taxa de amortização do recurso pago para poder entrar em uma, por exemplo, cooperativa médica (digamos uns 70 mil) Então..., mais de 200 consultas para ganhar R\$ 3.500,00 limpo. Já estamos com 400 consultas. É...!!! O sonho liberal é sonho mesmo. Além do que, são apenas 20% da população que possuem plano. Pagar consulta então?! Será que o rico será tão rico que não quer plano, paga a consulta privada e pronto?

Nosso estilo de pensamento foi deturpado para que não tentemos fazer uma medicina geral, nem para sermos assalariados, nem trabalhar com povo pobre. Usar muitos exames; prescrever medicamentos que não sabemos muito sobre os efeitos cruzados e colaterais; e se não soubermos... Internar num hospital para investigar!.

Organizar qualquer sistema de saúde a partir da Atenção Primária da Saúde é parte da racionalidade humana. Quase todos os países do mundo fizeram assim. Os EUA, que prescreveram o modelo fragmentado que nós temos na cabeça, agora, com Barack Obama, se propuseram a organizar o sistema para os 50 milhões de excluídos, que eram escondidos do noticiário. Procure saber como se organizam os sistemas de saúde do mundo.

**SAIBA MAIS:**

Vale a pena assistir ao filme **Sicko**, de Michael Moore, para ver como se organizam alguns sistemas de saúde do mundo (EUA, Canadá, França, Inglaterra, Cuba).

Pela mídia só ouvimos falar de problemas em relação ao SUS. Nos noticiários, mensagens ocultas nas novelas, nas propagandas. E, por outro lado, nós não

paramos para explicar para nossa clientela que vem ao posto de saúde o que o SUS tem de bom.

## 6 AS POLÍTICAS SOCIAIS NO ESTADO BRASILEIRO

Você sabia que o dinheiro que os antigos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs) (era assim antes do Golpe Militar) foram para uma caixa comum, do INPS, no começo do governo militar? E com este recurso foram financiadas as grandes obras do regime? Usina de Itaipu, Ponte Rio-Niterói, Usina Atômica de Angra, Transamazônica, etc... E que, conseqüentemente, o fundo, que estaria sendo capitalizado para pagar os benefícios e as aposentadorias, foram gastos nestas obras? E que, sem um fundo para capitalizar, é impossível aos trabalhadores da ativa sustentar os aposentados? Ainda mais com a população envelhecendo. Quanto mais robótica e informática, menos trabalhadores da ativa para sustentar os aposentados. São necessários (cobrando 11% sobre o salário), aproximadamente, 8 trabalhadores da ativa para garantir 1 aposentado. A previsão é de que a população pare de envelhecer? Que a tecnologia para produzir produtos mais baratos (robôs e informática) deixe de ser usada? Mas, afinal, aposentadoria é um direito social, um negócio ou um favor?

O regime de trabalho nos países capitalistas do primeiro mundo tem sido reduzido para 36, 34 horas/semanais, graças à mobilização dos trabalhadores.

Na França, o Estado paga uma babá 4h/dia no primeiro ano de vida das crianças francesas. Direitos sociais despertam cidadania, respeito ao diferente, solidariedade.

Nossas políticas sociais foram conquistadas quando a lógica não era ainda a neoliberal, e, portanto, era essencialmente solidária. O governo populista de Vargas construiu a grande maioria delas, algumas outras conquistas no governo de João Goulart. Depois, cerceamento, aumento de percentuais de pagamento, até ser aprovada a Constituição de 1988, que parecia que ia criar, enfim, mais direitos sociais. De lá para cá, muito pouco se avançou. Os conservadores e a mídia criaram a ideia de que o Estado não tem que gerir políticas sociais. Que o mercado se regula. Que necessidades sociais existem porque o povo é culpado pelos seus problemas. E

que o recurso obtido pelo governo com o trabalho dos assalariados deve servir para a expansão do capital. Bancos saudáveis, baixos salários, capitalismo sem algemas (nem ética). Negar políticas sociais. Isto tudo veio com a onda neoliberal (que começava a avassalar o mundo, na mesma época de nossa “Constituição cidadã”) e gradativamente foi sendo suprimida. Muito pouco dos direitos foram legislados por leis orgânicas. Veja só! Da saúde, temos somente duas leis orgânicas aprovadas, a Lei Orgânica da Saúde LOS 8.080/90 e a LOS 8.142/90, ambas em 1990. De lá para cá, algumas normas operacionais, portarias,... que vão ao sabor das pressões sobre o Ministério da Saúde.

Nos últimos anos, há algum esforço de resgate da miséria a que foi submetida a população brasileira. Com o atual Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), com o Programa Bolsa família, com o aumento de geração de empregos, houve melhora da condição econômica da população mais pobre, em detrimento da “classe” média. Isto, de alguma forma, é prática de solidariedade. Deveria ser apresentado assim, e nos dar orgulho do que estamos fazendo, mas, sob a óptica dos conservadores é dinheiro jogado fora e com a crise do capitalismo, para sobreviver, tentarão usurpar cada centavo governamental para garantir seu espólio. Isto coloca sob ameaça as escassas políticas sociais, que já são poucas, e requer mobilização social que, por outro lado, sofre ameaça de criminalização hoje. Com isso, o SUS, política social bonita, exemplo para a humanidade, corre sérios riscos. Se só falamos mal do SUS, quem o defende? Se tentarem acabar com ele, quem segura? É possível privatizar os 150 milhões que não têm plano? Se sim, por que o setor privado ainda não elaborou um plano? Políticas sociais são direitos, luta e cidadania, não podem ser vistas como reprodução da força de trabalho para garantir a reprodução do capital. Por que, se hoje, nesta etapa atual do capitalismo, não é preciso mais reproduzir a força de trabalho pela população excedente da humanidade, e não fizemos políticas sociais, retrocederemos para a barbárie (ou seria o caos que prenuncia uma nova forma de organizar a produção)? Será que teremos condições materiais para pensar em um novo modo de produção ecológico, feliz, ético, solidário? Como será possível se construir isso? Negando a cidadania e as políticas sociais?

## 7 O QUE É NEOLIBERALISMO

Em 1944, Friedrich August von Hayek escreve um livro chamado **O Caminho da Servidão**, no qual ataca apaixonadamente qualquer limitação aos mecanismos de mercado feita pelo Estado. Entende que fazer qualquer política social é uma ameaça letal para a liberdade e que isso conduz ao desastre. Ataca também as organizações sindicais e os movimentos sociais. Coloca-se na contramão do modelo capitalista defendido pelos EUA no pós-guerra, o chamado *welfare state*, cuja propaganda era de que o povo só poderia ter completo bem-estar com o capitalismo. Portanto, havia duas concepções de capitalismo. Uma acreditando que seria possível o bem estar (para os países ricos) e outra entendendo que é da essência do capitalismo a liberdade plena para o mercado, sem amarras (HAYEK, 1990).

Em 1947, o capitalismo expunha para humanidade as possibilidades de direitos, cidadania, e políticas sociais como compatíveis com o modo de produção. Organizando uma reunião em Mont Pelerin, na Suíça, os partidários da não política social elaboraram as bases para a sua proposta de organização social capitalista “feroz”. Subscvem a carta da sociedade personalidades conhecidas, como Milton Friedman, Polanyi, Karl Popper). Nesta carta, combatem o keynesianismo econômico, a solidariedade, a pressão nefasta dos sindicatos sobre os patrões, e sugerem um Estado que não interfira no mercado, que seja forte somente para reprimir movimentos de pressão sobre o capital, e que não tenha recursos para políticas sociais. Defendem ainda que a desigualdade é saudável, e é um valor que deve ser desenvolvido nos “ corações e mentes “ das pessoas. Dizem que solidariedade é valor de sociedades ultrapassadas e renovar, em cada vez mais altas taxas, o desemprego obrigará os sindicatos a aceitar a exploração da força de trabalho mais passivamente e a não reivindicarem salários. Propõem ainda redução de impostos para os mais ricos.

Tudo isso, que parecia impensável na década de 60 ou 70, passa a ocorrer exatamente assim em 79, com **Margareth Thatcher na Inglaterra**, que desmonta as políticas sociais dos trabalhistas; em 80, com **Reagan nos EUA**; em 82, com **Kohl na Alemanha**. E mais radicalmente ocorre um completo desmonte das políticas sociais na Nova Zelândia e na Austrália. Na Europa do Norte, se dá o triunfo da anti-esquerda, no início dos anos 80 e é justamente na época que saíamos de nossa

ditadura aqui. Coincidentemente, os países da Europa do Sul avançavam para a social-democracia. Mas este avanço é apenas eleitoral, porque, em muito pouco tempo, os governos sociais democratas começam a copiar a receita neoliberal, embora não se arriscando a romper algumas conquistas de cidadania.

Na **América Latina**, a receita neoliberal tem sua primeira experiência no regime Pinochet, no Chile, associado a uma das ditaduras mais sanguinárias da América do Sul. Copiando seu modelo econômico e político, assumem um discurso progressista para se eleger, e cumprem depois todas as exigências neoliberais: Menem, na Argentina, Fujimori, no Peru, Carlos Perez, na Venezuela, Banzer, na Bolívia, e Salinas, no México. Na América Latina, o neoliberalismo vem acompanhado de uma onda de privatizações de tudo que era público: de estradas a escolas, universidades, setor saúde, petróleo, energia, etc... Desenvolve-se uma lógica de que assim é a história, é assim que tem que ser, que será assim até o fim dos tempos, e quem quiser mudar esse rumo, deve ser de alguma forma cerceado, ou taxado de atrasado ou incompetente. É por isso que a crise de 2008 cala todos esses argumentos. O capital quebrou sem organização sindical para se opor, sem movimento comunista internacional, ou seja, dentro de sua própria lógica. E agora pedem socorro financeiro para os Estados que queriam fracos antes. De onde os Estados podem buscar recursos se o próprio capital encontra-se enfraquecido? Será que isso pode afetar as políticas sociais? Será que o SUS pode estar ameaçado? Quais forças temos para garantir políticas sociais e o SUS no nosso bairro, no nosso município, no nosso estado, no nosso país?

Podemos dizer que os primeiros movimentos em direção à proposta neoliberal, no Brasil, iniciam com o governo Sarney. Continuam e hipertrofiam com o governo Collor. Há um pequeno espaço para algumas políticas sociais no governo Itamar (no SUS fizemos a NOB-93, elaboramos a proposta de PSF), mas se aprofunda a proposta neoliberal no governo Fernando Henrique, catapultado pelo controle da inflação com o plano feito, no final do governo Itamar. Em seus primeiros dias de governo, a repressão a greves torna-se marca registrada. Há algumas coisas subjetivas que vão sendo geradas na população, como por exemplo, que a inflação não pode ser corrigida com aumentos compensatórios de salário. Por conseguinte, a luta reivindicatória é entendida como causa colateral da inflação, e passa a ser



desprezada, senão odiada pela população. Hipertrofia-se, desde o governo Collor (a caça aos marajás), a marca do anti-estatismo. Os funcionários públicos ganham muito; são preguiçosos e incompetentes. São corruptos! Chega de concurso público. Eles também são a causa da inflação. Etc...

Por outro lado, havia um contraponto. No governo Collor, os movimentos anti-neoliberais/sociais no Brasil também atingem seu ápice. Organizam-se claramente três centrais sindicais de grande porte, unificando as lutas dos trabalhadores. O Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), além da sua luta pela terra, politiza-se e busca apoio nos movimentos urbanos como os Sem-Teto, por exemplo. O **Movimento Sanitário**, a partir da **8ª Conferência Nacional de Saúde**, aprende e se junta aos movimentos populares para exigir o “Fora Collor”. A força dos movimentos sociais é tanta (sem a ilusão de que tenham sido somente eles a causa) que conseguem até mesmo o impeachment do Presidente.

Porém, a inflação teve um papel perverso, “ensinando” ao povo brasileiro que o modelo econômico e o governo teriam que tomar medidas duras para acabar com ela (e isso foi feito com aplausos do povo). Que consequências isso trouxe? Corroeu as bases da esperança de mudança; matou e/ou satanizou movimentos sociais; qualquer melhora social pode gerar inflação, então que não se melhore nada, daí, medo de qualquer mudança. Consequentemente, acentua-se um caráter que estava latente, e o individualismo começa a ser exacerbado. Competitividade entre ex-amigos, depressão, drogas, violência familiar e social. Doenças dos tempos de neoliberalismo. A aura de progressistas de alguns intelectuais se desnuda com o neoliberalismo. E, pior que isso, legitima a direitização da intelectualidade. E, não há mudança social sem uma teoria/um pensamento progressista junto. As consequências estão ainda por ser medidas. Mas implica repensar a forma de enfrentar essas novas questões que se colocaram de um jeito novo também. Como seria?

## **8 CADA VEZ MAIS URBANOS E MENOS RURAIS: ASPECTOS DA DEMOGRAFIA**

Não é pretensão encher de números essa reflexão, mas há algumas variáveis bem importantes de serem pensadas nesta relação populacional que ocorreu no Brasil.

Começou-se a fazer censo demográfico regularmente no Brasil somente a partir de 1872. A partir de 1900, passou-se a fazer decenalmente (exceto, em função das grandes guerras, nas décadas de 1910 e de 1930)

Algumas informações, embora não exatas, nos dão a dimensão do perfil da nossa população antes desses censos. Avalia-se que, na época do descobrimento, deveriam existir 3 milhões de indígenas no Brasil. Em 1822, era 1 milhão apenas. E hoje, a população indígena é bem menor que isto. De negros africanos, aportaram no Brasil entre 3,5 e 4 milhões até 1850, sendo que, entre 1800 e 1850, foram 1,5 milhões. Estima-se que a população brasileira, em 1800, era composta por 30% de negros ou mulatos. Naquele mesmo ano, estima-se que a população total do Brasil fosse de 3,5 milhões de brasileiros. Em 1900, já chegávamos aos 17 milhões.

Mas o crescimento da população se dava muito mais pela chegada de imigrantes que pelo crescimento próprio. A taxa de mortalidade era altíssima. Estima-se que era de 33 anos em 1800. Entre 1870 e 1960, com ênfase ainda para o final do século XIX, chegam mais 5 milhões de estrangeiros, especialmente portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses. Sua vinda está relacionada diretamente à produção de café, à colonização do sul e sudeste e ao começo da necessidade de mão-de-obra assalariada, típica do modo de produção capitalista. É a partir de 1950 que fica claro o crescimento interno do Brasil, a esperança de vida sobe para 55 anos.

A densidade demográfica vai aumentando, e hoje temos cerca de 18,4 hab/km<sup>2</sup>, sendo que no sudeste é de 70 hab, e no norte 3hab/km<sup>2</sup>. Alguns dados demográficos são importantes para entender a mudança de perfil da população como um todo. Com o processo de industrialização centrado na região sul- sudeste, passa a ocorrer uma intensa migração das regiões norte e nordeste para tais regiões. Ocorre, pelo mesmo motivo e pela expansão dos latifúndios, uma expulsão do pessoal do campo, que vem superpovoar o espaço urbano, atendendo, por outro lado, a um dos requisitos do capital, que é ter um grande exército industrial de reserva. É justamente esse movimento que induz o nosso salário mínimo e os salários em geral, a serem um dos mais baixos do mundo.

Em 1940, 30% da população já é urbana. Em 1970, já são 55% e, em 2000, anda próximo dos 80%. São Paulo, por exemplo, tinha uma população de menos de

100 mil habitantes em 1900, um milhão em 1940 e 10 milhões em 1990, sem contar os municípios da Grande São Paulo, que aportam mais 9 milhões de habitantes. Transporte, escolas, saúde, empregos, lazer, planejamento... Como fazer, para um cataclismo desses?

E isso aconteceu com as maiores cidades brasileiras da mesma maneira. Em 1900, Ouro Preto era maior que Belo Horizonte, ou Uberaba, ou mesmo que Porto Alegre ou Curitiba. Com a crescente urbanização, especialmente para as capitais, elas tiveram que responder com mais escolas, infraestrutura de saúde, etc... Isto resultou na queda da mortalidade infantil e na organização de campanhas preventivistas para reduzir doenças infecciosas e parasitárias, nossas grandes endemias na época dos 1950-1970. Logo, um motivo a mais para o crescimento populacional.

Mas, se entre 1960 e 1970, a população aumentou 32%, entre 80 e 90 o aumento foi de 23%. Colocando num gráfico, nota-se claramente a tendência à diminuição da taxa de incremento populacional desde 1940. A taxa anual de crescimento populacional, que era maior que 4,0% ao ano em 1940, passa para menos de 1,5 em 1990. Isto implica um impacto diferenciado nos serviços de saúde, em morbidade cada vez mais mutante, em relação há 30 anos.

População mais velha aumentando, crianças menores de 10 anos diminuindo. De doenças infecciosas para nutricionais, cardiovasculares e degenerativas. De desnutrição para obesidade (sem deixar de ter existido a primeira). E se somarmos as mazelas do neoliberalismo, juntamente com uma urbanização atabalhoada e excludente, teremos mudança também no perfil das doenças neuro-psiquiátricas. Isto envolve mudança constante na preparação de profissionais de saúde, mas já é outro assunto, e estamos fugindo da demografia.

Hoje, temos 5% da população com mais de 65 anos, sendo que 1,1% é de mais de 80 anos. Os idosos com mais de 80 anos integram o segmento populacional que mais cresce anualmente. Uma taxa de crescimento de 12,8% ao ano, fazendo com que em 2050 tenhamos mais pessoas com mais de 65 anos que pessoas com menos de 15 anos, indicando uma taxa de decréscimo importante da população. Atenção! Isso é daqui a 40 anos. E provavelmente a grande maioria dos que estão fazendo o curso estará viva para ver isso, uma vez que as condições técnicas para a

sobrevivência cada vez se acentuam mais. Isso, é claro, se tivermos natureza para suportar os desvarios do bicho-homem.

Atualmente é clara a diminuição da taxa de fecundidade. Cada vez menos filhos por casal. A média brasileira já anda abaixo de 2. Isto significa que um casal não reproduz na mesma proporção de sua existência. Dois gerando 2. Isso se deve às transformações econômicas do mundo e do Brasil, em particular. Mudanças culturais e sociais profundas. As mulheres como força de trabalho assalariada, a mudança no perfil das famílias. O maior tempo dedicado ao preparo profissional, o individualismo, a perda da esperança no futuro. A insegurança do trabalho, etc...Comparando os 2 últimos censos, verifica-se que 27% dos municípios diminuíram sua população (a maioria de porte pequeno/ médio), 40% tiveram taxa de crescimento baixa (aí estão as grandes capitais brasileiras), e só 12% tiveram crescimento acima de 3% ao ano. Neste percentual, estão as capitais menos populosas, como Manaus e Florianópolis. E também os novos polos de desenvolvimento do capital no interior do Brasil, tanto de novas indústrias, como especialmente das ligadas ao agro-negócio.

#### **SAIBA MAIS:**

Você saberia caracterizar o crescimento (ou não) da população da área onde você trabalha? De onde vieram? Quem veio da área rural? Há quanto tempo? Que mudanças eles percebem na sua qualidade de vida? Aproveite e leia Tendências demográficas brasileiras no site do IBGE.

## **9 NOSSA RELAÇÃO COM O CAPITALISMO INTERNACIONAL**

Atualmente, temos, claramente, uma inflexão na relação entre o Brasil e o capitalismo internacional. Durante muito tempo, fomos mais importadores que exportadores. Devedores crônicos (a tal da dívida externa), submissos aos ditames do Fundo Monetário Internacional (FMI), que era um dos emprestadores. Alguns governos anteriores tentaram privilegiar as parcerias com os países do capitalismo de primeiro mundo, adotando um alinhamento acrítico e subserviente aos desígnios dos mesmos. Nos últimos anos, temos ampliado muito as negociações, a balança

comercial, com países mais “periféricos” ou chamados de terceiro mundo, em relação ao capitalismo internacional.

Desse modo, os impactos da atual crise financeira internacional (que, aliás, está muito longe de ter chegado ao seu pior ponto) têm reflexos menores no Brasil que na Comunidade Europeia ou no Japão, ou mesmo EUA. A desaceleração para eles tem uma magnitude muito maior. Isto não quer dizer que a crise é pequena no Brasil. Alguns indicadores apontam que nossa taxa de crescimento econômico será a mais baixa dos últimos anos e o nível de desemprego volta a crescer. Mas... Estamos hoje dentro do circuito de discussão das alternativas para contornar a crise, participando do G-20, que incorpora, além dos 8 países com o maior PIB do mundo, outros 12, os considerados emergentes (o Brasil produz 1,3% da riqueza do mundo).

Pagamos nossas dívidas ao FMI e não renovamos empréstimos. Ao contrário, somos hoje um dos países a emprestar para outros, intermediados pelo FMI. Temos nos articulado com países com PIB parecidos com o nosso, como a Índia, ou o México, para tentar criar uma outra política econômica internacional.

Porém, esta nossa defesa, hoje, é claramente capitalista. Inclusive nas relações com os governos mais progressistas da América Latina, nossa relação é de apoio, mas quando levamos nosso apoio, levamos também a possibilidade de expandir nossa fronteira de negócios. A Petrobrás na Bolívia; o agronegócio no Paraguai; a energia com o Paraguai e a Argentina; as construtoras na América do Sul em geral. Nossos produtos industrializados para todo o Mercosul.

Ou seja, estamos com uma posição quase que imperialista em relação aos nossos co-irmãos do Cone Sul. Aquilo que tanto protestamos na época da ditadura, agora estamos tentando reproduzir. Pode-se argumentar: mas não somos um Estado capitalista? Como se poderia fazer as coisas de modo diferente? Continuar a política de beijar a mão? Há condições objetivas para se pensar em transformação do modo de produção? Bons assuntos para se discutir e pensar sobre o que fazer.

Mas enquanto isto, nossa relação com os EUA, embora esse continue com sua política belicista/armamentista, se dá de uma forma mais horizontal. Os conservadores norte-americanos, co-responsáveis pelo andamento da crise financeira, começam a se reorganizar, e nestas suas reflexões levantar suspeitas se

Barack Obama não seria socialista. Parece que não entendem o que é capitalismo hoje. Hoje????!!! Porque, hoje? O capitalismo mudou? Pois é... Sim e não.

A hegemonia continua claramente capitalista. Qual a nova cara que esse capitalismo vai ter é o que está por se definir. É certo que Obama anunciou um plano estatal de saúde para os 50 milhões de excluídos. Quer organizar um SUS lá. E isso sempre foi negado em favor do complexo médico-industrial. Mudou? Mas... Isso não é uma política social? Sim, é. De qualquer maneira, depois dessa queda, o modelo neoliberal não se sustenta mais. O que vem é um Estado forte. Até para fazer políticas sociais (ou não). Isto vai depender da capacidade de luta e mobilização dos excluídos e da classe trabalhadora.

Mas os donos do Capital não vão querer perder mais do que já perderam, e querem um Estado forte para garantir o dinheiro que eles perderam, mesmo que isso se dê às custas de políticas sociais. O Brasil parece que tem uma posição não tão a favor dessa argumentação. O que vai acontecer aqui, em relação ao financiamento do SUS, está ainda em aberto, e vai depender de nossa compreensão do atual momento para que nos organizemos, junto com a população em defesa do mesmo. Já discutimos tudo isso em capítulos anteriores, mas é só para manter vivo que a organização social é que determina, não só a saúde da população, mas também o modelo de serviços que vamos prestar. Sem entender isso, não avançaremos nunca em nossa Estratégia Saúde da Família.

## **10 O ESTADO BRASILEIRO: LÓGICA CAPITALISTA**

Hoje, no Brasil, temos algumas novas políticas inclusivas. Programas como Bolsa-família ou obras do PAC transformaram uma porção de trabalhadores informais em trabalhadores formais, promovendo um incremento importante de ganho para uma população antes à margem. Houve, com isto, o afastamento de milhões de pessoas da linha de pobreza, criando, assim, novos consumidores. É verdade que o nível de salário continua muito baixo, e esta inclusão não melhorou o salário dos que já estavam no mercado.

Mas, sem dúvida, alguns milhares de mortes foram evitadas com essas políticas. A chamada classe média teve seus salários e seu poder de compra estagnados, quando não, rebaixados. E o capital especulativo, nunca ganhou tanto.

Os maiores lucros históricos do capital financeiro se deram nos últimos anos. O movimento comercial brasileiro com o exterior foi de 371 bilhões de dólares, 197 bilhões de exportações e 173 bilhões em importações, gerando um saldo de 24,7 bilhões de dólares (em 2007, tinha sido de 40 bilhões).

O setor que mais cresceu, em 2008, foi o da exportação de produtos básicos, com um aumento de 41% em relação ao ano anterior. Os produtos industrializados foram os que menos cresceram, mas ainda significam a maioria dos produtos exportados. Os maiores compradores ainda continuam sendo os do MERCOSUL, Europa, mas incrementaram-se muito os negócios com a Europa do Leste, com a Ásia, África, Oriente Médio e Caribe. Isto é o que tem dado melhores condições de enfrentamento da crise.

Então, se somos um Estado capitalista. Se não estão colocadas as condições materiais para uma transformação do modo de produção. E se saúde é uma política social. Precisamos ampliar seu financiamento, que hoje é de cerca de um décimo do que se gasta em outros países. Qual a política econômica mais adequada para garantir essa possibilidade? Quem a vai garantir? É importante lembrar que os orçamentos são votados no Legislativo, que nós ajudamos a eleger.

## **11 AS RELAÇÕES COM AMÉRICA LATINA E O TERCEIRO MUNDO**

Este é outro item que ficou esvaziado pelas discussões anteriores, que enfocaram principalmente as nossas relações econômicas. Mas há uma porção de outras coisas para refletir. Por exemplo: o Brasil não se alinha mais à política de embargo econômico com Cuba. E isso não significou a ruptura de negócios com os EUA. Nossa política de relativa independência tem nos garantido um espaço de negociação e de apoio a governos que Bush tentou, associado à imprensa brasileira, satanizar, como o governo Chavez, da Venezuela, de Evo Morales, da Bolívia, o novo governo do Paraguai, ou de Cristina Kirschner, da Argentina. Estamos propondo uma política de combate ao narcotráfico da América Latina para a América Latina, tentando afastar, dessa forma, a ingerência norte americana no destino de nossos povos.

Hoje, o grande aliado norte americano tem sido a Colômbia, onde, seu presidente Uribe apronta-se para concorrer a um terceiro mandato e há uma omissão da nossa imprensa em achá-lo um candidato a ditador, como tem dito do Governo Chavez pelo mesmo motivo. É de novo aquela história de nos quererem fazer ver treze onde podemos enxergar Bê.

Na América Latina, temos o maior manancial de água potável do mundo, além de seus rios imensos, o lago subterrâneo chamado de Aquífero Guarani, com sua maior área em subsolo brasileiro, que, se mantidos os padrões de consumo atuais nos garante água pelos próximos 300 anos. Isso é uma questão que devemos que nos preocupar, e muito, desde já. Inclui a preservação deste manancial. Inclui evitar a apropriação privada deste patrimônio, e a defesa de possíveis ocupações estrangeiras (novas guerras?) atrás de nossa água. Sim, é patrimônio da humanidade, mas nós a socializaremos, não precisamos que o capitalismo internacional nos queira tomar para fazer comércio deste bem.

Por isso, é bom acompanharmos as aventuras da 4ª frota norte-americana, que está permanentemente nas costas da América Latina, e suas bases em território sulamericano, por exemplo, no Paraguai, Ciudad del Este, na fronteira com o Brasil e, coincidentemente, bem no local onde o Aquífero encontra-se mais próximo da superfície. Por outro lado, as relações exteriores de nosso país com a América Latina, a partir da ampliação do Mercosul, podem significar novos tempos e, inclusive, a perspectiva de moeda única, e o Brasil nunca esteve voltado tão de frente para nossos países irmãos como neste momento histórico.

## **12 MOVIMENTOS SOCIAIS: ANESTESIA DOS SINDICATOS; A CRIMINALIZAÇÃO DOS MESMOS**

Já temos analisado que a onda neoliberal e o conservadorismo, apoiados pela mídia subserviente, fizeram um desserviço inimaginável aos movimentos sociais, e conseqüentemente a possibilidade de avanço de políticas sociais e de cidadania. É preciso que entendamos que, na marcha da história, só houve mudança a partir de movimentos sociais.



Nos últimos anos, temos visto uma adesão cada vez menor da classe trabalhadora a seus sindicatos; as poderosas centrais sindicais com comportamento acrítico e desmobilizador, e o que existem são as Organizações não Governamentais (ONGs). A única exceção de sobrevivência dos movimentos é o MST. Engraçado é o consenso construído: fala-se em MST e as pessoas já começam a sentir-se desconfortáveis. Foi sendo construído no imaginário social, pelas atitudes dos latifundiários, associados a legisladores direitistas, com respaldo de um setor do Judiciário que age em favor da elite e, sobretudo, pelos noticiários da mídia, uma imagem dos Sem-Terra como radicais, perigosos, assassinos, ladrões, vagabundos. Além disso, foi construída a ideia de que os Sem-Terra não querem de verdade a reforma agrária, porque depois que recebem a terra, eles a vendem e vão fazer agitação de novo. Mais que isso! Acusam-nos de estar fazendo política, de não quererem educar seus filhos no sistema oficial de educação e de invadir terras produtivas. Você conhece alguém que já esteve acampado com eles? Você já tentou ouvir se existe outra versão para as “verdades” ditas pela imprensa? Bom... nós poderíamos contestar ponto a ponto esse consenso construído por quem odeia movimentos sociais, mas o que acreditamos é que temos muito a aprender com a dinâmica do movimento. Logo adiante, vamos avançar um pouco mais neste assunto.

A crise do capitalismo/neoliberalismo iniciada no final de 2008, e que deverá durar muito tempo ainda, exige uma retomada do papel ativo dos sindicatos e movimentos sociais, para tentar barrar a voracidade com que o capital expropria dinheiro do Estado para atender aos interesses de diretores capitalistas, por exemplo. O desespero é tão grande que lutam entre si para salvar o espólio do neoliberalismo.

Para retomar esse papel histórico de construir uma sociedade futura digna, os sindicatos e os movimentos terão que trabalhar unidos na luta. Não adianta cada profissão olhar para seu umbigo. O problema é comum a todos e não tem saída para uma ou outra profissão. Devemos pensar na luta sindical com os trabalhadores unificando pautas de reivindicação que envolvam diretamente a necessidade de garantir políticas sociais.

Além das lutas nas áreas sindicais, é necessária a aproximação com os movimentos sociais. Em primeiro lugar, despir-se de ideias pré-concebidas e entender como são as formas de luta pela garantia de direitos. Aí, nessa aproximação, são comuns dois tipos de erros táticos. O primeiro erro é se colocar como o entendido; o que sabe; o que tem clareza; “do alto de meus estudos”...; a isto nós chamamos de vanguarda revolucionária (se não for somente prepotência). E o outro é o diametralmente oposto, que chamamos de basismo, ou seja: as bases tudo sabem, eles têm clareza dos caminhos; estão acostumados à luta e então... “ninguém educa ninguém, mesmo”. Há um mal entendido freireano (de Paulo Freire) nessa colocação. O que ele defende, como educador popular, é que seja uma relação interagentes. Os dois são atores sociais, os dois sabem e podem ensinar coisas um para o outro. Os dois têm que aprender a ouvir e respeitar um ao outro. É só uma relação interagentes que pode permitir desnudar o processo que a hegemonia, junto com a mídia, tenta esconder para proteger o interesse das elites.

Temos então que aprender um pouco com os movimentos que possuem experiência em mobilização em tempos de neoliberalismo para ver se avançamos. Frei Betto, na revista Caros Amigos escreveu um artigo chamado “Vamos mudar”, no qual poderemos obter excelentes pistas para nossos trabalhos comunitários de educação em saúde (entender toda essa reflexão, é educação em saúde) e de nossos grupos de promoção de saúde. Engajamento em propostas de luta, delineando um futuro melhor, é parte fundamental para promover a saúde.

#### **SAIBA MAIS:**

Para aprofundar a questão dos movimentos sociais no Brasil, recomendamos a leitura do artigo **Vamos mudar** de **Frei Betto**, na Revista Caros Amigos.

### **13 HOUVE SOCIALISMO NO MUNDO? UM POUCO DE RÚSSIA, CHINA E CUBA**

Novamente, seguimos com a proposta de colaborar com a reflexão e levantar questões sobre os assuntos. Até mesmo porque as posições para isto estão muito marcadas por jeitos diferentes de ver a história, desde a direita até partidos de

esquerda. De qualquer maneira, as questões que vamos colocar podem ter um razoável consenso.

Os países em pauta tiveram uma inspiração teórica em Marx e Engels. Se isto é verdade, o que houve foi uma tentativa de construir o socialismo dentro das possibilidades que a história ofereceu. Nem o socialismo se consolidou como alternativa, nem muito menos houve evolução para uma sociedade comunista, que seria, segundo Marx, uma etapa posterior. Também, de acordo com o mesmo autor, a transformação dos modos de produção seria iniciada nos países onde o modo de produção anterior estivesse mais desenvolvido (as forças produtivas), no caso o capitalismo. E não era essa a situação de nenhum desses países.

Marx também dizia que não era possível socialismo num só país. E de 1917 a 1949, foi só a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Também falou que, na etapa socialista se construiria uma nova consciência, permitindo aflorar o “homem novo”. Mas como a Rússia era um país atrasado em seu desenvolvimento capitalista, ela foi buscar no modelo fordista norte-americano a possibilidade de superar o atraso. E a produção alienante em série, do capital, obscurece, e não forma homens novos.

De qualquer maneira, é importante assinalar a tentativa desses povos, de reverter uma história de exploração, e buscar um caminho. Começando com a Rússia. Seu processo revolucionário inicia-se em 1898, com a criação de um partido social-democrata, que pleiteia aumento de direitos para a população. A situação, em 1905, com a derrota da Rússia na guerra russo-japonesa, agrava as questões econômicas, e começam a se organizar greves, motins (O famoso filme “O Encouraçado Potemkin” trata desse período).

A situação começa a se deteriorar nas áreas urbanas, que passam a receber camponeses fugindo da forma feudal que buscam alternativas para vender sua força de trabalho. Milhares de pessoas que se opunham ao Czar eram mortas, exiladas, ou presas na Sibéria.

Com a exacerbação das lutas, o partido social democrata se divide em duas tendências, uma chamada de bolchevique, uma aliança operário-camponesa, querendo o fim do feudalismo, a revolução; e outra chamada de menchevique querendo uma monarquia constitucional, reformando o capitalismo nascente (em

1900, dos 150 milhões de habitantes da Rússia, somente um milhão eram proletários).

Em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, a Rússia alia-se à França e à Inglaterra contra o Império Austro-húngaro e Alemão. Isto amplia ainda mais a situação de miséria da população e cria as condições objetivas para a tomada do Palácio de Inverno, em 1917. Para isso, foi necessária a reorganização dos soviets, onde os camponeses e operários (foice e martelo) associavam-se a soldados para articular a revolução socialista. No início de 1917, pela pressão sofrida, o Czar Nicolau renuncia e o novo governo, menchevique, assume por alguns meses, até que os soviets tomam o poder e iniciam seu processo.

Lênin, o líder deste processo, indica Trotski para as relações exteriores, que defendia a necessidade da revolução permanente e da expansão para os outros países europeus. E para o Ministério do Interior, Stálin, que defendia a superação do atraso, que fosse revolução de um só país e que se enfatizasse o desenvolvimento industrial. A proposta ainda em 1917 é a de neutralidade na guerra, ou seja, de paz, para tentar construir o socialismo.

Entretanto, isso significou quase que uma declaração de guerra para a França e a Inglaterra, agora apoiadas pelos EUA, que iniciam a pressão e o boicote ao novo governo russo. A situação conflituosa no campo faz com que se adote uma política para garantir comida para o povo urbano (chamada de NEP). Só que isso vem a ser caracterizado como o que se chama de capitalismo de Estado, com toda a produção de trigo passando a ter monopólio estatal.

Após a morte de Lênin, o truculento Stálin vem a ser o todo poderoso. Sua política é a única considerada acertada. Descaracteriza os soviets. Expulsa Trotski do Partido. E torna-se um dos ditadores mais sanguinários que o mundo produziu, em nome de garantir o socialismo de um só país, e desenvolver todas as etapas até a tentativa, talvez nem iniciada, de construir um socialismo. Em 1940, manda matar Trotski, que estava exilado no México.

Por outro lado, é verdade que conseguiu um desenvolvimento inimaginável para um país atrasado como a Rússia era na época. Grande sistema de saúde, de educação. Contornou a fome. Apostou no desenvolvimento industrial a ponto de fazer sombra mundial ao poderio norte-americano. O Estado era muito poderoso.

Equilibrou a política mundial obrigando o capitalismo a fazer políticas sociais e concessões para a classe trabalhadora, sob pena de eclodirem novas revoluções. Mas não se criou o homem novo. Nem a consciência no povo de que o que estava se fazendo era um caminho para um futuro feliz. Ficaré lembrado mais como um ditador que como uma pessoa que tentou de fato construir uma proposta coletiva-solidária-socialista.

Hoje, a Rússia tem seus indicadores de IDH piorando, grandes concentrações de renda, escolas caras, sistema de saúde deteriorado, empresários exploradores, um nível de deterioração de valores morais, com corrupção, prostituição, drogas. Então... Não foi socialismo.

**SAIBA MAIS:**

Se quiser estudar um pouco mais acerca destes fatos históricos ligados à URSS, recomendamos um site chamado Eduquenet.net, com o título Revolução russa de 1917.

**Sobre a China.** O processo se dá com Mao Tse Tung, que fez um movimento unificador contra o poder constituído e, em 1949, conquista a revolução socialista. Muito pouco se conhece sobre como foi a forma montada para essa construção. Também foi ditadura, não foi do proletariado, e centrada num partido, denominado comunista, mas da mesma forma que na Rússia, tínhamos um país atrasado, o que se tentou foi construir uma proposta socialista.

Em 1978, com a morte de Mao, os novos dirigentes adotam uma lógica que se chama de socialismo de mercado. Uma superexploração estatal da força de trabalho. A garantia de direitos sociais básicos e uma política de exportação exacerbada. As consequências foram a restauração capitalista, uma crescente e extrema dependência do estrangeiro. Isto sob a ditadura de um partido único, que não amplia direitos, e que hoje quebra, junto com a crise capitalista internacional. Seu maior devedor é justamente os EUA, que estão a um passo da moratória de sua dívida externa ultrapassando um trilhão de dólares. Isso é socialismo?

**Sobre Cuba.** Fidel Castro rejeitou a tal política do socialismo de mercado. Então... Um pouco de história antes. O movimento pela libertação de Cuba das mãos

do ditador Batista inicia em 1953. Naquela época, Cuba era como um grande espaço de lazer para os amigos norte-americanos, que tinham lá suas casas de veraneio, cassinos, cabarés, praias, rum e prostitutas. A economia cubana se movia em torno disto. E havia um descontentamento geral contra ele, tanto dos plantadores de cana, como da população urbana. Greves, tentativas de direitos sociais eram combatidas ferozmente.

Em 1953, um advogado chamado Fidel Castro e seu grupo de revolucionários tomam um quartel na tentativa de mudar, e são presos sendo obrigados a se exilar nos EUA. É de lá que vêm de volta num barco chamado Gramma e iniciam um processo de guerrilhas, a partir de Sierra Maestra, até em 1959 entrarem em Havana, apoiados pela população rural e pelos operários que estavam em greve.

Os revolucionários assumem o poder, nomeiam um presidente, que governa junto com partidos da esquerda, e é só em 1961 que Fidel assume, e é só aí que se reconhece como socialista. O Partido Comunista sai do governo e quem assume são os guerrilheiros de Sierra Maestra.

Em 1961, o Governo Kennedy, dos EUA, apoia os cubanos refugiados na tentativa de retomar Cuba. São derrotados na Baía dos Porcos. No ano seguinte, 1962, Cuba é expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA) e é obrigada a aproximar-se dos países da URSS para poder negociar alguns produtos e ter acesso a petróleo. Passa, portanto, a se alinhar a algumas políticas da União Soviética, mas mantendo o espírito de solidariedade internacional, enviando para onde fosse necessário o apoio técnico de Cuba para a saúde, a educação, ou seja, mantendo uma lógica trotskista. Organiza-se com uma democracia que vem das bases, com cada grupo de vizinhança elegendo seu Conselho de Defesa da Revolução (CDR) e os CDRs elegem seus parlamentares, que elegem seu presidente.

Os EUA sempre deixaram claro que o país que negociasse com Cuba era considerado inimigo e não poderia negociar nem com os EUA, nem com os países aliados. Isto caracteriza um boicote econômico injustificável, o que fez Cuba ter que tentar construir seu socialismo isoladamente, tendo somente como aliada a URSS. Com a queda da URSS, criou-se uma situação dramática para Cuba, que, em função disso, adaptou um sistema de vida/consumo próprio para seu povo, enquanto abria

seu país para o turismo internacional. O que criou contradições insuperáveis para a população cubana.

No seu sistema próprio, eles têm assegurado um dos melhores sistemas de saúde do mundo; uma das melhores educações do mundo, quase toda a população tem formação universitária. Tem comida e transporte muito baratos, e acesso aos armazéns onde compram as comidas e as necessidades de manutenção da casa. As crianças têm assegurados desde fraldas a bicos, mamadeiras, escovas de dente e sabonetes pelo Estado. Porém, aquele relógio que os turistas possuem, os restaurantes que eles vão, as canetas que usam, as roupas bonitas que usam, a isso eles não têm acesso, porque seu salário é muito baixo para comprar o que é considerado supérfluo. Isso é o socialismo possível com boicote econômico internacional, e num país só. Assim mesmo, a solidariedade internacional é um valor caro a toda população cubana. É um povo pobre, mas com rara dignidade.

#### **SAIBA MAIS:**

Para conhecer um pouco seu sistema de saúde e essa humanização, veja o filme do norte-americano Michael Moore denominado Sicko, que, aliás, mostra também o canadense, inglês e francês, para concluir que o não sistema americano é uma vergonha. Como um país pobre como Cuba pode tratar seu povo e outros do mundo, e os EUA, com toda sua riqueza não? Aliás outra vez passa a ser deveres de casa.

## **14 PAZ É LUTA PELA SAÚDE**

Atualmente, o capitalismo, especialmente o norte-americano, tem como uma das molas mestras de sua economia a venda de armas. As guerras, sejam de pequenas proporções; ou o armamento de setores de uma sociedade (para se defender da violência); ou guerras focais entre povos vizinhos; ou as invasões, são programadas para vender ao mundo um poder de polícia (olhem como somos fortes!... Não se metam conosco!) vender armas, criar fantasmas (mesmo que eventualmente eles sejam de carne e osso), garantir espaços estratégicos, garantir petróleo ou outra riqueza fundamental, etc... Ou seja...

Vamos refletir ao contrário do que está proposto pelos vendedores de armas. Se não tivermos armas, não tem ameaça terrorista. Sem armas, não tem guerra no tráfico. Sem armas, teríamos que usar diplomacia e solidariedade. Sem armas, teríamos mais garantia de que os povos pudessem ser autônomos. Sem armas, viveríamos em uma outra sociedade, não governada pela força. As consequências que temos hoje, com um mundo armado, impactam no setor saúde direta ou indiretamente. Morte violenta; drogadição; stress; depressão; e com eles, baixa imunidade, HAS, diabetes, cânceres, e uma diminuição geral da qualidade de vida.

Nossa avaliação é de que a luta pela paz mundial é uma luta pela construção de uma nova sociedade, muito mais humana e saudável.

## **15 OS SONHOS PEQUENO-BURGUESES: SER PROFISSIONAL AUTÔNOMO E LIBERAL**

Tipo assim: “Não tenho nada a ver com isso tudo”, “Vou viver sem patrões, cobrando o que eu acho justo, e desta forma ficar rico”. Este jeito de pensar já foi discutido também em capítulos anteriores. Em como somos conduzidos a pensar de uma determinada forma.

Apenas para exemplificar, vamos criar uma imagem-estereótipo, imaginando a seguinte situação: um homem, muito bem vestido, roupas caras, com uma maleta executiva nas mãos está parado numa esquina. Passa uma criança maltrapilha, o segura pela perna da calça e pede uma ajuda. O homem, reflexamente, vira a mão e bate no rosto da criança atirando-a ao chão. Nós vimos isso acontecer. Qual é a nossa atitude? Fingir que não vimos, para sermos neutros? Isso seria uma atitude neutra? Ou uma atitude de quem vai permitir, sem nenhuma reação, que isso continue ocorrendo?

Tal discussão tem a ver com a discussão do tema anterior, mas também para refletir, que, numa sociedade dividida como a que vivemos, o sonho de neutralidade é autorizar que as coisas continuem da maneira que estão.

Avalie que tipo de profissões são alimentadas pelo sonho de ser partícipes dos “velhos burgos” dos tempos do feudalismo. E como foi construída essa ideologia



nessas pessoas. E se isso serve para alinhar forças coletivas para tentar mudar a sociedade.

## **16 A REALIDADE ECONÔMICA: O PODER DE COMPRA DE UM SALÁRIO MÍNIMO**

Ficamos entre os dez piores países em distribuição de renda pelo menos por quatro décadas, até o ano de 2001, quando estávamos em 8º lugar de trás para a frente. Perdíamos para 7 países africanos e para a Guatemala. Um terço de nossa população trabalhadora ganha menos de 1,5 salários. Nas grandes capitais brasileiras, 31% recebem menos que meio salário. Isto causa algum impacto nos serviços de saúde?

Em 2002, 20% ganhavam acima de 10 salários. Em 2008, baixou para 15%. Pelos critérios do IBGE e do IPEA, quem ganha de 2,5 a 10 salários é considerado classe média. Isso significa 51% da população brasileira, hoje. 75,5% da renda do País estão concentradas entre os 10% mais ricos. Esses dados foram buscados no computador com as palavras- distribuição de renda no Brasil.

Para ilustrar as possibilidades/qualidade de vida de quem recebe **Um** salário ou menos, que nas capitais chega a 50% da população (é, é a metade mesmo), vamos imaginar a seguinte situação. Uma família, com um pai, com 35 anos, mãe com a mesma idade, e dois filhos: um de 14 anos e outro de 6 meses. O primeiro veio sem querer, e o segundo foi planejado, num momento em que o pai havia recebido uma proposta para ganhar dois salários e meio (entrar, pelos padrões IBGE na classe média). Após 6 meses nesse novo emprego, nos quais ele comprou televisão e geladeira, além de berçinho, para seu filho que viria, a firma demitiu seus trabalhadores. Ele passou 3 meses desempregado, e após, conseguiu um emprego de salário mínimo no centro da cidade. Eles moram num bairro distante. Seu filho mais velho está no segundo grau. Não tem escola de segundo grau no bairro. A mãe poderia trabalhar, mas em seu bairro não existe creche, e com uma criança no colo, não consegue emprego.

Pai e filho saem de manhã bem cedo, para, respectivamente, trabalhar e ir à escola. Como não tem estoque algum de comida em casa, tomam, na padaria da

esquina de sua casa, um café com leite e um pão com manteiga. Isto custa R\$ 2,00 para cada um. Compram um ovo cozido (para garantirem proteínas) para levar pra o almoço. Mais um R\$ 1,00 real. Ainda não conseguiram o vale-transporte, e o ônibus custa R\$ 2,30 para ir e também para voltar. Isso dá R\$ 4,60 para cada um, de ônibus. Total de R\$ 9,20 de transporte. Se quiserem comprar uma balinha para a janta, é mais R\$ 0,50. Quanto deu isso? Os R\$ 9,20 mais os R\$ 5,50 das refeições. São R\$ 14,70, que, multiplicados por 30 dias, totalizam R\$ 441,00. Como o salário é de 415,00, algo terá que ser cortado. Afinal, para que balinhas, não é mesmo? E a mãe? E o bebê? Comem o quê? E o aluguel da casa (ou acha que eles podem ter casa própria)? E a luz, a água? As despesas da escola, os remédios eventualmente necessários? Na televisão, anunciam que uma moto custa menos que o ônibus. Mas... anda sem gasolina? Aliás, na TV, um monte de propostas de consumo. Como obter dinheiro para conseguir. Os colegas do filho o convidam para sair, no final de semana. Como? E quem lava as fraldas, faz a comida e limpa a casa. Qual o lazer para a família que não seja o de ver propostas de consumo? Recentemente abriram um shopping perto de sua casa. Que bom, né? Vai dar para trocar de operadora do celular. Já pararam para pensar em como o povo sobrevive nessas circunstâncias? Que valores vão sendo construídos em seu emocional? Em seu próximo atendimento, tente levar em consideração essas condições de vida antes de ser autoritário. Humanize-se. Ainda é tempo!!!

## **17 AS DIFERENÇAS NAS REGIÕES BRASILEIRAS**

Quando vimos a questão demográfica, já adiantamos um pouco essa discussão. De acordo com conforme o contexto, um jeito de ver... Temos repetido isto desde o começo. Pois bem, em nosso trabalho, levar sempre isso em consideração. E quando se trata de um País com as peculiaridades do nosso, então... Isso muda o perfil das doenças, a forma de conversar com as pessoas, o entendimento das mesmas, os chás que utilizam, as possibilidades maiores ou menores de trabalhar com grupos, etc...

Querem ver um exemplo?! Nem precisa ir muito longe. Temos que saber se na região há muitos bambuzais e se eles estão em flor. Ou, como é o caso de

Blumenau, se moram perto do rio, e se lá andam as capivaras urbanas da cidade. Por quê? Porque a primeira tem a ver com o alerta que deveremos ter em relação à hantavirose, e a segunda em relação à febre maculosa. Então, se quisermos fazer um bom trabalho em nosso local, além de conhecer a sua história, a distribuição de renda, a geografia, devemos saber que, conforme as etnias, as regiões, a economia, foram se caracterizando diferentes culturas no Brasil, ou mesmo dentro de um Estado. A escolaridade é diferente quando comparamos o sul com o norte, ou o sudeste com o nordeste. A cultura é diferente. Os hábitos alimentares. Qual é o tipo de lazer comum? De onde obtêm a água? A musicalidade; a disposição para trabalhos coletivos. No nordeste, os ACS fazem teatro e música para a população quase que por instinto.

Outro aspecto a ser levado em conta é se estamos na periferia de uma cidade grande ou em um município do interior. Temos costumes rurais ainda presentes? Se urbano, como faz para chegar até a Unidade Básica de Saúde (UBS)? Ela está localizada próxima do interessado, ou foi concebida para facilitar os profissionais de saúde? Quanto mais periferia de cidade grande, mais perto da questão da violência, do tráfico. Como lidar com isso? Na cidade grande mais individualismo, competitividade, dificuldade de trabalhar em grupos. O sul/ sudeste tem uma população mais desconfiada, que é mais “seca”. No nordeste, mais crenças populares, mais afeto. No norte, às vezes uma marcação de consulta atrasar 3 horas é considerado absolutamente normal dada a geografia, clima e distâncias. Numa reunião dos Polos de Educação Permanente em Manaus, um dos participantes atrasou dois dias. Tinha saído 8 dias antes, de barco, para participar. Como calcular os tempos?

Por outro lado, tudo isso afeta brutalmente nossa forma de atender. Solicitar exames?... Como a pessoa vai fazê-los? São mesmo imprescindíveis? Podemos pensar em ter laboratórios ou pelo menos coleta de exames em nossa UBS mesmo? Isso é luta por integralidade, equidade, universalidade. Em quase todos os indicadores, o sul e o sudeste se assemelham à Europa menos desenvolvida - Portugal, Grécia. Exceto se fizermos recortes e analisarmos bairro a bairro. Aí nossa periferia tem indicadores parecidos com os do norte e nordeste, que, por sua vez, são parecidos com alguns países atrasados africanos. O centro-oeste é hoje região

de muitos contrastes. Um interior violento, pequenas cidades muito desenvolvidas. Grandes cidades que se hipertrofiaram de repente. Então, são uma síntese entre norte-sul, com características e perfil nosológico de ambas regiões.

Com tal discussão, queremos reforçar que é importante despertar a atenção para a epidemiologia como instrumento fundamental que vai relacionar justamente o processo saúde-doença (e como conhecê-lo melhor) com o conhecimento da forma como se organiza a sociedade. E isto vai nos chamar a atenção para a necessidade da defesa intransigente do SUS. As classes sociais e o acesso econômico diferenciado desenham perfis de morbi-mortalidade completamente diferentes. É por essa razão que o SUS defende universalidade, equidade e integralidade por entender a injustiça e a negação da cidadania contidas nesse problema.

## **18 AS CATÁSTROFES NATURAIS ANUNCIADAS /A ECOLOGIA É LUTA PELA SAÚDE**

Não há como falar em regiões, como fazíamos ainda há pouco, sem pensarmos no que o homem está fazendo com a Amazônia, o Pantanal, a Floresta Atlântica, o Cerrado. Isto só para nos determos nos problemas mais anunciados pela mídia. Que consequências isto já trouxe, está trazendo e vai trazer para a saúde e a qualidade de vida das pessoas? Al Gore, ex- vice-presidente dos EUA escreveu um livro chamado “Uma verdade inconveniente”, que contribuiu para que lhe fosse dado o prêmio Nobel, pelos seus estudos e análises do que aconteceu, está acontecendo e acontecerá, se continuarmos a pensar que se pode fazer o que quiser que o Planeta Terra aguenta. Recomendamos sua leitura.

A lógica desenvolvida pelo capitalismo, de fabricar produtos com obsolescência programada para estar sempre fabricando e movimentando as fábricas e os capitais, dá mostras inequívocas de exaustão. A depredação da natureza para garantir o modelo, o combustível/energia gasto no processo e o lixo, inclusive tóxico, que resta como produto descartável (computadores, celulares, material elétrico, etc...) são impossíveis de se reporem em curto prazo.

Já entramos num gráfico em que, se só mantivermos a produção no nível que está, e com essa lógica, teremos aquecimento global, problemas cada vez maiores

com o efeito estufa, degelo, elevado no nível dos mares, calor, rompimento cada vez maior da camada de ozônio, e já é difícil de reverter. Se não pararmos JÁ, talvez nossos filhos e netos não tenham condições de sobreviver neste planeta. A natureza tem seus ciclos, é verdade. Mas ela não é responsável sozinha pelas: enchentes, por exemplo, doenças causadas pelo lixo, aumento do câncer de pele, desidratações, e outras.

Também é verdade que a natureza busca seus espaços de recuperação e com isso produz: seca, degelo, frio elevado, nevascas, desabamentos, ventos cada vez mais fortes. Além dos tsunamis, terremotos e vulcões que, quando afetam áreas cada vez mais urbanizadas, matam aos milhares. Fome, sede, mortes acidentais, infecciosas consequentes a catástrofes, são provocadas diretamente pelo homem, que, desmatando, não permite que as raízes das árvores cumpram seu efeito esponja. E depois, tapamos as cidades de asfalto, que impede o escoamento das águas para o subsolo. E ainda acumulamos lixo para entupir os bueiros. Daí: leptospirose, perda de bens, depressão, e a vida vai se escoando da mesma forma que agredimos a natureza. Lutar contra a depredação ambiental é lutar contra a forma que o capitalismo preda a natureza. Lutar de fato pelo ambiente, é lutar pela saúde.

## **19 AS FINANÇAS BRASILEIRAS: BANCOS MUITO RICOS, POBRES COMEÇANDO A OBTER O PODER DE COMPRA**

Analisando a questão econômica “A realidade econômica”, faltou dizer que a política econômica dos últimos governos segue privilegiando o capital financeiro. Nunca os bancos tiveram tanto lucro como nestes últimos anos. Provavelmente, a crise financeira não é tão forte no Brasil como nos outros países, justamente por essa condição. Por outro lado, a taxa de juros praticada pelo Banco Central inviabiliza uma expansão industrial como o capital produtivo gostaria.

Então, há um processo permanente de confronto entre duas percepções de capitalismo. Ultimamente, o capitalismo especulativo tem levado a melhor. Neste processo, ampliou-se um pouco a distribuição de renda, como já vimos em item anterior.

Embora os mais ricos continuem acumulando, os 10% mais ricos têm 75 % da renda chamada “classe” B (a palavra classe entre aspas é uma forma de classificação que contraria o sentido do que é “classe” social já referida no capítulo dos modos de produção), teve seus ganhos rebaixados, migrando para a “classe” C. Por outro lado, a “classe” E (a de menor ganho) diminuiu bastante nos últimos 5 anos, migrando para a “classe” D. Hoje, as “classes” C e D são as maiores do Brasil, com salário limitado entre 1,5 e 10 salários mínimos, correspondendo a 51% da população brasileira. Os mais pobres ampliaram seu poder de compra, saindo da linha de miséria, e com isso tiveram acesso a alguns bens antes impossíveis de serem adquiridos.

## **20 DESIGUALDADES SOCIAIS EM SAÚDE: NOVAS PERSPECTIVAS E NOVOS DESAFIOS**

Autores como Miotello (2001) e Toffler (1980) se referem aos processos de humanidade (diferente da análise feita pelos modos de produção) como ondas que alteram a civilização. Para os referidos autores, a primeira onda foi a agricultura, a segunda foi a indústria e a terceira é a informação. Discordando ou não do modelo de análise, tais autores contribuem muito para pensar no impacto que significa: computador, internet, celular, blogs, sites, acompanhamento dos eventos mundiais em tempo real, comunicação via Skype. O excesso a informações, o deletar: tudo isso com o contraponto da TV e a mídia (a fixação do produto, a repetição dos signos).

Se os meios de comunicação de massa têm apropriação privada e obtêm lucros fabulosos com suas imagens, logo: hegemonia.

Então, se quem antes modelava eram os arautos e os guerreiros, depois a igreja e os editos estatais ou a escola. Agora é a comunicação, inclusive cursos como este de EAD.

Temos então uma crise financeira, uma readequação do capitalismo, ao mesmo tempo em que enfrentamos esse mar avassalador de informações e uma mídia, instrumentos de comunicações querendo garantir os símbolos da hegemonia. A democratização da informação. O acesso aos pontos de vista contrários e visão

hegemônica tem que ser preservado para que se possa escolher a própria maneira de ver.

Há toda uma luta para a constituição de um novo sujeito. Há sinais de que a contra-hegemonia se articula; liberação de rádios comunitárias, eventos divulgados pela internet, ONGs com formas de divulgação concebidas para o impacto(o Greenpeace na ponte Rio-Niterói, por exemplo). O espaço de trabalho agrícola está sendo substituído pelo agronegócio, tecnificado. Expulsa para a indústria, que está sendo robotizada e informatizada. E com isso, grande parte do povo estará num fazer não produtivo, prestação de serviços e órfão de organização. Portanto, sem organização de classe, sem movimentos coletivos, é presa fácil para a hegemonia comunicacional.

Se isso pode ser visto assim, também pode ser visto como um caminho de mão dupla. Na comunicação em rede, internet-informática não garantem que só a hegemonia triunfe. Há espaços enormes para serem aproveitados e colaborar para construção de consciência/outra maneira de ver.

Os trabalhadores organizados em sindicatos precisarão se reorganizar com a perspectiva de trabalhar com informação alternativa à grande mídia, e em associação com movimentos sociais, e eventualmente ONGs, para evitar a avalanche capitalista desta crise financeira que tentará tirar direitos sociais.

Por outro lado, há a necessidade de resgate de valores humanos: aí vale muito a pena estudar o Humaniza-SUS, que trata deste resgate, no nosso setor de saúde, para fazer um contraponto com as propostas individualistas e antissociais que vicejam entre nós. Valores como solidariedade, equidade, relação interagentes, autonomia, respeito a posições divergentes, paz, respeito ao ambiente podem contribuir para a construção desse novo homem. Desta terceira onda pode ser pensado, ainda, o ser informacional coletivo e solidário no mundo todo. O sonho da comunicação mundial está ao acesso de todo mundo. É uma poderosa arma contra-hegemonia.

O Fórum Social Mundial, que tem reunido ONGs, movimentos sociais, organizações populares, sindicatos, está discutindo propostas e tem sido um espaço tão importante, que nos primeiros fóruns os governadores dos estados onde era realizado tinham dúvidas se iriam. E no último, 5 presidentes de países que lutam

por contra-hegemonia lá estavam. Se não acreditarmos, e não investirmos, não haverá mudanças.

## 21 PROBLEMAS E DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Temos aqui um leque de questões que acontecem, cada vez mais intensamente, na nossa sociedade e são uma antítese às questões discutidas anteriormente. Se pensarmos em um novo homem, solidário, autônomo, etc... não nos é possível ficarmos calados diante de problemas, que estão sendo vistos como naturais pela nossa sociedade. Não se pretende esgotar a discussão destes problemas e desafios neste texto, mas apontar para a necessidade de despertar para a reflexão das relações e dos valores da nossa sociedade.

O primeiro deles a ser mencionado é o **racismo**, disfarçado, e às vezes, nem tão disfarçado assim. Se entendermos um pouco sobre a história do Brasil, é necessário pensar que temos uma enorme dívida histórica com os negros. A questão das cotas nas Universidades Públicas é apenas uma das formas de tentar colocar outro peso na balança.

É importante nos perguntarmos por que há poucos negros nas universidades, nos cargos de comando das indústrias, no poder político? Por que são pobres e discriminados? E são a maioria da população brasileira. Aí é incrível o tipo de argumentação desenvolvida contra. O vestibular é democrático? (Ah! Sim. - E quem tem dinheiro para os melhores cursinhos?) Lemos, inclusive, uma tese de alguns anos atrás que dizia que os negros preferem morar em favelas no Brasil.

Posicionem-se em relação a esta questão: Como você enfrenta a questão do racismo no Brasil? Vai negar que existe? O que fazer então? E a questão das cotas?

Uma segunda questão a se discutir é com respeito à **violência**. Reflita sobre a situação colocada: um trabalhador pobre, estressado, sem horizonte nem futuro. Um rico sem valores éticos. Uma comunicação que constrói valores de consumo e não de solidariedade. No máximo chega a grandes programas de caridade - que é



péssimo, em última instância, para os dois (para o que dá e para o que recebe). Para quem dá, propõe a desvalia ao outro. Para quem recebe, dependência.

Isto tudo é pouco para entender o fenômeno da violência urbana e social que ocorre no Brasil. Atribuir tudo às drogas também é um enorme reducionismo, mas deve ser considerado no conjunto. Do país afável que éramos, somos um dos mais violentos do mundo. No trânsito se mata. Nas festas, porque “o fulano olhou para a minha namorada... eu não podia deixar barato”, também se mata. Há um culto ao físico. O poder relacionado à arma.

Como mexer com isto? Que é social, sim. Mas o que fazer? Não há receita.

Há um terceiro problema, **o consumismo**, que está relacionado aos valores da sociedade atual, e ao estímulo da comunicação, somos hoje conduzidos a comprar inclusive muitas coisas que não são necessárias. É praxe dos supermercados fazer propostas, como, por exemplo: uma carne ao preço de custo, porque a pessoa, vendo as “ofertas”, certamente querará comprar muitas outras coisas que compensarão o aparente “baixo lucro” com a carne.

Por outro lado, se a vida não aponta para uma perspectiva de sociedade feliz para todos, também não dá alternativas individuais que não sejam vinculadas à possibilidade de ganhar muito dinheiro. Como a maioria das pessoas não têm e não terão esta condição em virtude função da sua classe social, o consumo, a aventura da possibilidade, conduz aos bingos e loterias, a ponto de se tornarem compulsão. Não é mais por prazer que se joga, é uma esperança de futuro diferente, que se frustra semanalmente, e terá que ser compensada por nova esperança. O jogo, o mercado, a comunicação são formas de negar a possibilidade de construção de um novo tipo de futuro. Como fazer para que existam outras esperanças, alegrias que não essas? Temos um papel nisso?

**Se o pirão é pouco, o meu primeiro.** É um ditado popular muito comum em Florianópolis. Como é um dos pratos mais consumidos, o tal pirão (caldo de peixe com farinha de mandioca), ele não deve faltar nunca. Se é pouco, é porque a situação financeira está ruim mesmo. E o meu primeiro significa: em tempos de

ameaça de falta, nenhuma solidariedade. Garantir o individual. Isto pode ser associado a uma propaganda antiga de cigarros (quando havia propaganda de cigarro na TV), em que o jogador da seleção brasileira de futebol, Gerson, puxava um cigarro (que, segundo a propaganda, era bom e barato) e dizia: “Eu, por exemplo, adoro levar vantagem em tudo que eu faço”.

Tais mensagens não influenciam só o consumo. Elas constroem valores que estão disseminados. Nas aulas que ministramos, nossos alunos se manifestam dessa forma. Este valor é desumano, é anti-solidário, é a anti-sociedade, é o eu-sozinho, é a negação do outro, é o individualismo, a depressão e, com ela... as alergias, as doenças autoimunes, as infecções, as gastrites, a HAS.

Além destes problemas, ainda temos muitos desafios para superar os preconceitos, como é o caso do **não reconhecimento da diversidade**.

Em primeiro lugar, parece que poderíamos usar de novo B ou o I3. Maneiras de ver. Mas na sociedade do individualismo, do pirão é pouco, da violência, do racismo, o diferente é marginalizado pela tribo dominante. Aí estão num mesmo bloco os homossexuais, os deficientes físicos ou mentais, os velhos, as mulheres, os movimentos sociais. Discrimina-se por política, por religião, por raça, por classe social, por roupa de grife. E isto seguramente não constrói uma sociedade melhor.

Que peso carrega uma mulher negra, moradora de favela, idosa e deficiente física?

Sobre o **Judiciário e a corrupção**, é importante lembrar que, nos últimos anos, temos visto alguns avanços importantes nas denúncias e eventuais prisões do pessoal da elite capitalista (Daslu, Daniel Dantas, Maluf, Salvatore Cacciola, etc...). Há uma nova postura (não homogenia mais importante) na Polícia Federal e no Ministério Público para apurar os grandes crimes/roubos/corrupções de toda ordem praticados pela elite. Mas quem nomeia os membros dos grandes tribunais que os vão julgar? Eles fizeram concurso para serem tão grandes julgadores? Se não o fizeram, foram indicados por quem? Nós os elegemos? Não. Foram indicados pelo Estado, que é capitalista e defende o interesse desta elite. Julgam, então, no interesse de quem?

Portanto, as poucas vezes que eles são presos, é sem algemas. Eventualmente, se um foi algemado, o Supremo Tribunal manda soltar em seguida e

pune os policiais por abuso de autoridade. Uma outra coisa: não defendemos e somos veementemente contra, em qualquer classe social que aconteça a pergunta que fazemos. Mas... você já viu a polícia batendo em branco corrupto rico? E em negro ladrão de galinhas? Então... não temos uma justiça justa. Ela tem, como todo o aparelho de Estado capitalista, o caráter de classe: de proteção/promoção da classe burguesa. Comprometidos com o grande capital, não permitem que ricos fiquem presos. Certamente essa impunidade, quando aparece na comunicação, não contribui em nada para a esperança, ou contra a violência, ou para confiar na política.

## **22 EDUCAÇÃO NO BRASIL**

Entendemos, no processo de elaboração deste texto, que os determinantes das problemáticas assinaladas são sempre os mesmos: a forma como se organiza a economia; como ela constrói e garante a sua economia; e como gera uma cultura e valores que tendem a perpetuar o seu poder. A educação não é diferente. Não é somente uma questão de privatização ou não de ensino. Trata-se também da qualidade, do modelo pedagógico e da manutenção/reprodução do modelo educacional.

Há menos de 50 anos atrás, as melhores escolas do Brasil eram as escolas públicas. Havia uma disputa por vagas no ensino secundário público. Eram as escolas mais qualificadas, com o melhor corpo de professores. A partir do golpe militar (e isto não terminou passada a ditadura), foi havendo um progressivo sucateamento do ensino público: rebaixamento de salários, não abertura de concursos públicos, não reforma ou construção prédios, não instrumentalização das escolas.

Simultaneamente, estímulos para as escolas privadas, como redução de impostos, descontrole nas cobranças e, até mesmo, facilitação da infraestrutura (terrenos, trânsito, etc.). Isto passa a se refletir, nos últimos 20 anos, nas universidades públicas. Já foram as maiores e melhores. Ainda são, mas seus quadros mais qualificados passaram a ser comprados pelas universidades privadas.

Como as universidades públicas ainda são as melhores em termos de produção acadêmica, a concorrência para entrar nelas, considerando que a maioria do povo pertence ao extrato médio-baixo de salário, é muito grande, há um excedente enorme. As universidades privadas oferecem cursos a baixo preço (os menos procurados), oportunizando o acesso dessas camadas. Hoje, encontramos estudantes pobres em universidades privadas e ricos nas públicas (que continuam sendo sucateadas historicamente).

Neste momento, há um esforço de reversão com a criação de universidades federais em áreas onde o setor privado não investiu, longe dos grandes centros. Mas há também financiamento público para estudantes em universidades privadas. Os salários nas universidades públicas (e também nas privadas) contam com o auxílio da mídia para mantê-los baixos.

Embora uma mensalidade num curso como medicina numa universidade privada esteja em torno de R\$3.000,00 mensais, há sinais de esgotamento. Há diversos cursos que, nos últimos 5 anos, começaram a fechar as portas. Não há mais candidatos. O filão comercial parece que diminuiu seu furor. Só ficarão os de maior mercado e os mais caros.

E sobre a qualidade? Na área da saúde, conversaremos um pouco depois, em particular. Mas avaliando o geral: não ensinamos mais humanidades nos cursos secundários e universitários. É uma educação tecnicista, reprodutora de conhecimento, acrítica. O modelo de educação é o que Paulo Freire chamava de educação bancária, despejando conhecimento como se a cabeça do aprendiz estivesse vazia. Não há uma relação pedagógica. Ao professor universitário só é exigido que saiba a técnica, não precisa conhecer educação.

Por outro lado, na academia, há um novo fenômeno, que é o de produzir artigos. Uma concorrência em que os valores vão sendo pulverizados se estabeleceu. Solidariedade, reflexão, construção de uma outra proposta social, vínculo com movimento social são valores que estão sendo jogados fora.

O analfabetismo diminuiu muito no Brasil, especialmente, em decorrência da urbanização, já vista no item demografia. Mas o analfabeto funcional, aquele que sabe desenhar o nome e ler, cresce. As pessoas leem sem entender o que estão lendo. E são presas fáceis para a mídia, que os quer como consumidores não

pensantes e desorganizados. Onde a educação contra-hegemônica some, a hegemonia não precisará nem de qualidade para manter seu discurso.

Na saúde, o ensino ainda é flexneriano (já analisado), com ênfase em utilização de instrumentos, medicamentos e hospitais. A mídia também enfatiza isto. E a forma é a da transmissão, sem tempo de estudar. É cópia do professor, que não sabe e que não aprendeu a ser professor.

Há um esforço grande de mudança na direção da formação de um novo profissional, crítico, reflexivo, humano e de alta resolutividade. O governo federal tem investido em mudanças do modelo hegemônico com programas como Promed, Pró-saúde, PET-saúde. Financia, além de bolsas, a rede de serviços, para que esta receba os estudantes. Há uma compreensão de que é necessário um novo cenário, o das UBS para o ensino, uma vez que, nas universidades, a hegemonia, se não for flexneriana (na maioria ainda é), é incapaz pedagogicamente, está desvinculada da prática e não quer mudar. Educa para o consumo do complexo médico industrial.

Um especialista em Saúde da Família deve conhecer as propostas e saber procurar alternativas em educação, mesmo estando nos serviços. Reciclar antigos professores é difícil. Vocês representam a esperança do novo profissional. Então, vamos procurar quais são os programas pedagógicos do Ministério da Saúde que envolvem reposicionamento da preparação de profissionais para a Atenção Básica, inclusive com recursos financeiros para rede e suplemento/bolsa para os profissionais.

## **23 CIDADANIA NEGADA**

A consequência do que foi discutido até agora se reflete na constatação de que não temos cidadãos hoje. Lembra aquela falsa democracia grega, na qual apenas a elite votava, decidia. Quando vemos a proposta capitalista do Welfare State (antes do neoliberalismo) e ainda presente em escolas que vão se reduzindo, na Europa, entendemos que no Brasil tivemos uma esperança, com a Constituição de 88. Pensávamos que haveríamos de construir a cidadania negada historicamente para o povo brasileiro. Entretanto, de 1988 para cá, só se foi perdendo direitos. Altera-se a constituição, mas não é para dar mais direitos, é para suprimi-los no

interesse do capital. A luta por cidadania, que passa por nós a ser praticada também na nossa UBS, com o Humaniza-SUS, por exemplo, é uma luta pela construção de saúde e de uma sociedade melhor.

## 24 CONCLUSÕES

Para finalizarmos este texto, imaginamos que muitos dos leitores possam ter se perguntado:

Como é que os autores podem ser tão radicais?

Como é que existem pessoas que enxergam a sociedade assim?

São muito atrasados, ou politikeiros?

De verdade, nós que estamos tentando construir o SUS e a ESF é que deveríamos pensar:

Como é que há gente que não percebeu tudo isso?

Conseguimos entender que foram construídas diferentes “maneiras de ver” o mundo, a sociedade, a saúde e as relações sociais. O ideário que concebeu o SUS, do movimento sanitário, tem este jeito contra-hegemônico de pensar.

Para que a ESF possa, efetivamente, dar certo, é preciso mais que apenas técnicas (as quais também são importantes), faz-se necessária coração, paixão, gostar de gente, se não... quem sabe: os contrários à idéia devam buscar outras profissões, outros cenários que não o de saúde pública.

## REFERÊNCIAS

HAYEK, F.A.V. **O caminho da servidão**. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MIOTELLO, V. **A questão dos discursos hegemônicos**. Porto Velho/RO, n. 19, p. 2-8, 2001.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.